ASSINATURAS

ANO — $20,00
SEMESTRE $12,00

Num. avulso - $0,40
Num. atras. - $0,50

Gazeta de Agudos

SEMANARIO INDEPENDENTE

PUBLICAÇÕES

Seção Livre
Palavra — $0,20

Editaes
Palavra - $0,20

Diretor-Proprietario - HERCULES SORMANI

Colaboradores - DIVERSOS

ANO XVI | Redação e Officinas Rua 13 de Maio, 545 | Agudos, 11 de Julho de 1943 | Estado de S. Paulo BRASIL | NUM. 633

Prefeitura Municipal de Agudos

Em data de 8 do corrente, recebeu o Snr. Prefeito Municipal, o seguinte telegrama:

Prefeito Municipal
Agudos

Achando-se o Governo empenhado em colocar no interior do Estado suditos Alemães, Italianos e Japonês que residem no litoral, comunico vos que deverão ser brevemente encaminhadas para esse esse municipio varias familias dos referidos estrangeiros. Deveis tomar as mais rapidas providencias junto aos agricultores afim de que empreguem mencionadas familias em suas propriedades. Caso encontrardes dificuldades no desempenho dessa incumbencia, deveis comunicar a esta Interventuria, afim de serem tomadas necessarias providencias.

Saudações

(a) Fernando Costa =
Interventor Federal.

Prefeitura Municipal de Agudos

A'TO N.o 11

O Padre João Baptista de Aquino, Prefeito Municipal de Agudos, Estado de São Paulo, etc.

Usando das atribuições que lhe são conferidas pelo artigo 5.o do decreto lei federal n.o 1-202, de 8 de Abril de 1939,

RESOLVE:

Exonerar a pedido, o Snr. Dr. Jayr Castanheira de Carvalho, do cargo de Sub-Prefeito do distrito de Paz de Bandeirantes, deste municipio. Registre-se. Publique-se e Cumpra-se. Dado e passado na secretaria da Prefeitura Municipal de Agudos, aos nove dias do mez de Julho de mil e novecentos e quarenta e treis. Eu, Mario Ferreira Andrade Secretario da Prefeitura, o datilografei.

O Prefeito Municipal,
Padre João Baptista de Aquino.

Impressos ? - Nesta Typ.

Secretaria da Agricultura

Derrubada de matas

Por determinação do Conselho Florestal do Estado de São Paulo, em oficio n.o 115 de 11 de junho p. passado, dirigido ao Snr. Superintendente do Departamento da Produção Vegetal, da Secretaria da Agricultura, neste Estado, e de acordo com a circular n.o 41 da Secção de Regiões Agricolas, levo conhecimento de todos os interessados, que os pedidos de autorisação para derrubadas de matas, devem ser dirigidos diretamente aquele Conselho em requirimento selado, Cr. $ 3,00 e Educação, com firma reconhecida, devendo o requerente juntar prova de propriedade das terras onde se encontram as matas.

Para mais esclarecimentos, os interessados poderão entender-se com o agronomo regional, á Rua 13 de Maio n.o 198, nesta cidade.

Agudos, 5 de Julho de 1943.

Daniel Schlittler

Prefeitura Municipal de Agudos

Do Dr. Jayr Castanheira de Carvalho, Sub Prefeito do Distrito de Bandeirantes, recebeu o Snr. Prefeito Municipal, a seguinte carta:

Prezado Amigo Padre Aquino

Saudações

Já tendo serviço durante cinco anos, a Sub Prefeitura de Bandeirantes, creio já ter auxiliado por longo tempo, tanto Agudos como nosso Distrito. Como o Senhor bem sabe, tenho ocupações bastante e me acho impossibilitado de continuar como Sub-Prefeito local. Espero, portanto, que o amigo faça nova nomeação para o cargo que hoje peço demissão em carater irrevogavel. Entretanto continuarei aqui, trabalhando para o progresso de Bandeirantes e tambem de Agudos. Transmito tambem a Va. Sa. meus sinceros agradecimentos pela distinção e confiança que me dedicou durante meu exercicio.

Sem outro motivo minhas sinceras recomendações.

Do Amigo grato
(a) Jayr Castanheirra de Carvalho.

GRUPO ESCOLAR DE AGUDOS

CAIXA ESCOLAR

Balanço do mes de Junho de 1942.

Saldo que veio do mes de maio	Cr.	$	643,80
Contribuição de alunos (13 classes)	Cr.	$	207,30
Contribuição de socios	Cr.	$	50,00
Contribuição de professores	Cr.	$	6,00
Total	Cr.	$	907,10

Despeza do mes (Não houve)

Saldo que passa para o mes de Julho Cr. $ 907,10

Agudos, 30 de Junho de 1943

Djalma Octaviano, diretor

Olga Offmann — Tesoureira
x
Iracema Fernandes Brisola — Presidente

Visto. Baurù, 3 de Julho de 1943

Luiz de Almeida Castanho, Inspetor escolar

PREFEITURA MUNICIPAL DE AGUDOS

Boletim financeiro da semana finda

Saldo existente em 3 de julho . . .		133 946,40
Arrecadação de impostos e taxas do dia 5 a 10 de julho		5.717,90
		139.664,30
Pagamentos efetuados durante a semana finda		2.804,40
Saldo que passa para a semana vindoura.		136.859,90

A Campanha da Borracha no Grupo Escolar de Agudos

De acordo com o que determinou o sr. Dr. Diretor Geral do Departamento de Educação, iniciou no dia 1.º do corrente no Grupo Escolar de Agudos, a "Campanha da Borracha".

"O menor objeto coletado, o mais insignificante artefato gasto que se leva ao reaproveitamento tem acentuado valor civico".

E' isto que os pequenos escolares que frequentam o Grupo Escolar de Agudos estão fazendo.

Diariamente, depozitam, num lugar escolhido no páteo do recreio, inumeros pedaços de borracha, como sejam: peneumaticos velhos, bolas, sola de sapatos e de tenis, chupetas, etc.

E' uma contribuição modesta, mais sincera que os meninos agudenses estão fazendo para a vitoria do Brasil e seus aliados contra os inimigos da liberdade e da civilização.

A borracha arrecadada será remetida para S. Paulo, conforme determinou o Departamento de Educação.

Prefeitura Municipal de Agudos

Estrada de rodagem à Bandeirantes

Deante das continuas demarches de nosso Prefeito junto á Secrtaria da Viação, chegou a esta cidade o Snr. Engenheiro residente em Botucatú para reiniciar muito em breve as obras da estrada desta á Bandeirantes.

Em virtude do mau estado em que se acha o trecho até a Fazenda Gloria, aquela repartição já ordenou a fazer a devida reparação, comprometendo-se á localizar diversos conservas para que o aludido trecho por onde se canalisa o transporte de algodão, cereais e doravante casulos do bicho da seda de toda aquela prospera zona, se torne transitavel, sem onus para a Prefeitura, em se tratando de uma via estadual.

Agudos, com a realização desta obra, já iniciada, muito lucrará, tornando-se um centro muito importante do ouro branco e muito breve da seda animal.

Prefeitura Municipal de Agudos

A'TO N.o 12.

O Padre João Baptista de Aquino, Prefeito Municipal de Agudos, Estado de São Paulo, etc.

Usando das atribuições que lhe são conferidas pelo artigo 5.o do decreto lei federal n.o 1.202, de 8 de Abril de 1939,

RESOLVE:

Nomear o Snr. Josè Bertoldi, para o cargo de Sub-Prefeito do distrito de Paz de Bandeirantes, deste municipio. Registre-se. Publique-se e Cumpra-se. Dado e passado na secretaria da Prefeitura Municipal de Agudos, aos nove dias do mez de Julho de mil novecentos e quarenta e treis. Eu, Mario Ferreira Andrade Secretario da Prefeitura o datilografei.

O Prefeito Municipal,
Padre João Baptista de Aquino.

Manoel Dóca

Regressou de sua viagem ao Rio de Janeiro, o snr. Manoel Lopes do Livramento Dóca, nosso antigo colega de imprensa e fazendeiro neste municipio,

FALECIMENTO

Faleceu no dia 5 do corrente, em São Paulo, com a idade de 26 anos, a exma. sra. d. Diva Tecla Murdoco, esposa do sr. Julio Murdoco e irmã da exma. sra. d. Ada S. Novaes, esposa do sr. L. R. Novaes, operoso gerente da «COINBRA» S. A., nesta cidade.

A pranteada extinta que gozava de um vasto circulo de boas amizades deixa um filho menor.

Nossos pezames

O MOINHO

Conto de Henry Bordeaux

— Assim como me vêem dizia-nos com emphase o dr. Gedeon Champouniére, no vestiario dos advogados, esperando a sua vez de ser chamado ao tribunal para prestar um juramento de profissional e viamos um colosso muito vermelho que, nesta época de aguas minerais e de chá de marcela, de sopas de lentilhas e de massas alimenticias, desafiava as fatias de carne sangrenta e copasios de bom Borgonha — assim como me veem, resusitei um morto.

Ele parecia bem capaz de tal, a vida saia-lhe por todos os poros. Entretanto, Mr. Rameau fez-lhe observar que não era esse o habito dos medicos mais inclinados a enterrar a gente que a retiral-a do outro mundo. Ele fazia mais questão do que nós da sua historia e nol-a impingiu sem demora. E o melhor é deixal-o narrar o facto.

***

— Eu estava em pleno entúsiasmo, ia dizer em plena inexperiencia de minha profissão. Na visinhança da Récluse, numa povoação da serra, eu havia tratado da irmã do moleiro de uma pequena doença qualquer. Chamava-se Melanie Chantepoulet e morava com seu irmão mais velho Christophe Chantepoulet, homem carrancudo e calado, furioso com o sucesso do seu rival Tarboton, alcunhado Farinha; ao passo que ela. robusta rapariga de 25 anos, boa dona de casa e habil costureira, ria e tagarelava o dia inteiro.

Quando eu passava pelo moinho nunca deixava de parar para conversar um pouco com ela. O moinho, herança de familia, pertencia-lhes em partes iguais. Contava-se na redondeza que ele cubiçava a posse de toda a propriedade, que ele tentára tudo para a irmã entrar no convento de onde ela escapulira, finalmente, que fazia a côrte á filha do adjunto Tracassin e não obteria a sua mão senão com a promessa de instalal-a só no governo da sua casa. Mas fala-se tanta cousa!

Ora, Mélanie caiu doente de variola pele de lixa. Uma tarde, quando eu passava a cavalo, vejo o meu Christophe aplainando umas taboas diante de casa. Tinha uma cara de enterro, mas tal era o seu aspecto habitual.

— Como vae a pequena?

— Mal.

— E que estàs fazendo?

— O senhor bem vê.

Estando parado o moinho, ele ocupava-se em fazer um caixão. Subi ao quarto. Mélanie não se mexia. Deitada de costas respirava arquejando aos folegozinhos curtos. A cousa podia findar de um momento para outro, podia durar ou não durar, sabe-se lá?

Apalpo, ausculto, observo. No pescoço, dei com umas marcas, quatro de de um lado, uma do outro. como se dedos houvessem apertado. Mas como o corpo estava coberto de pustulas, não demorei na observação desses sinais pouco acentuados. Faço uma receita e mostro-a em baixo ao irmão que continuava socegadamente a preparar as suas taboas.

—Aqui está a receita. Eu tenho que passar pela Récluse e dou o papel ao boticario.

— Valerá a pena?

Ainda Uma Vez, Adeus!

Emfim te vejo! — emfim posso,
Curvado a teus pès, dizer-te
Que não cessei de querer-te,
Pezar de quanto sofri.
Muito penei! Cruas ancias,
De teus olhos afastado,
Houveram me acabrunhado
A não lembrar-me de ti!

De um mundo a outro impelido
Derramei os meus lamentos
Nas surdas azas dos ventos,
Do mar na crespa cerviz!
Baldão, ludibrio da sorte,
Em terra extranha, entre gente
Que alheios males não sente,
Nem se condóe do infeliz!

Louco, aflito, a saciar me
De agravar minha ferida,
Tomou me tedio da vida,
Passos da morte senti;
Mas quasi no passo extremo,
No ultimo arcar da esperança,
Tu me vieste á lembrança,
Quiz viver mais e vivi!

Vivi, pois Deus me guardava
Para este lugar e hora!
Depois de tanto, senhora!
Vêr-te e falar-te outra vez;
Rever-me em teu rosto amigo,
Pensar em quanto hei sofrido
E este pranto dolorido
Deixar correr a teus pés.

Mas que tens? Não me conheces?
De mim afastas teu rosto?
Pois tanto poude o desgosto
Transformar o rosto meu?
Sei a aflição quando póde,
Sei quanto ela desfigura,
E eu não vivi na ventura...
Olha-me bem, quem sou eu!

Nem uma voz me diriges!
Julgas-te acaso ofendida?
Deste me amor, e a vida
Que m'a darias, bem sei;
Mas lembrem-te aqueles feros
Corações que se meteram
Entre nòs; e si venceram,
Mal sabes quanto lutei!

Oh! si lutei! Mas devera
Expor-te em publica praça
Como um alvo á populaça,
Um alvo aos dicterios seus!
Devera, podia acaso
Tal sacrificio aceitar-te,
Para no cabo pagar-te
Meus dias unindo aos teus?

Devera, sim; mas pensava
Que de mim te esquecerias,
Que, sem mim, alegres dias
Te esperavam; e em favor
De minhas preces, contava
Que o bom Deus me aceitaria
O meu quinhão de alegria
Pelo teu quinhão de dôr!

Que me enganei, ora vejo;
Nadam-te os olhos em pranto,
Arfa-te o peito, e no entanto
Nem me podes encarar;
Erro foi, mas não foi crime;
Não te esqueci, eu t'o juro,
Sacrifiquei meu futuro,
Vida e gloria por te amar!

Tudo, tudo; e na miseria
De um martirio prolongado,
Lento, cruel, disfarçado
Que eu nem a ti confiei:
«Ela é feliz (me dizia)
Seu destino é obra minha.»
Negou m'o a sorte mesquinha...
Perdôa, que me enganei!

Tantos encantos me tinham,
Tanta ilusão me afagava
De noite, quando acordava,
De dia em sonhos talvez!
Tudo isso agora onde para?
Onde a ilusão dos meus sonhos
Tantos projetos risonhos,
Tudo esse engano desfez!

Enganei-me! — Horrendo cháos
Nessas palavras se encerra,
Quando do engano, quem erra,
Não póde voltar atraz!
Amarga irrisão! Reflete:
Quando eu gosar-te pudera,
Martir quiz ser, cuidei qu'era...
E um louco fui, nada mais!

Louco, julguei adornar-me
Com palmas de alta virtude!
Que tinha eu, bronco e rude,
Com o que se chama ideal?
O meu eras tu, não outro:
'Stava em deixar minha vida
Correr por ti conduzida
Pura, na ausencia do mal

Pensar eu que o teu destino
Ligado ao meu, outro fôra
Pensar que te vejo agora,
Por culpa minha, infeliz;
Pensar que a tua ventura
Deus ab eterno a fizera
No meu caminho a puzera...
E eu... fui eu que a não quiz!

És de outro agora e p'ra sempre!
Eu a misero desterro
Volto, chorando o meu erro
Qnasi descrendo dos céos!
Dóe—te de mim, pois me encontras
Em tanta miseria posto,
Que a expressão deste desgosto
Será um crime ante Deus!

Dóe—te de mim, que te imploro
Perdão, a teus pés curvado;
Perdão de não ter ousado
Viver contente e feliz!
Perdão da minha miseria,
Da dôr que me raia o peito.
E, si do mal que te hei feito,
Tambem do mal que me fiz!

Adeus, que eu parto, senhora;
Negou-me o fado inimigo
Passar a vida comtigo,
Ter sepultura entre os meus;
Negou-me nesta hora extrema
Por extrema despedida,
Ouvir-se a voz comovida,
Soluçar um breve adeus!

Lerás, porém, algum dia
Meus versos, da alma arrancados,
De amargo pranto banhados,
Com sangue escriptos; e então,
Confio que te comovas,
Que a minha dôr te apiade,
Que chores, não de saudade,
Nem de amor: — de compaixão!

GONÇAVES DIAS

—Em quanto ha vida é preciso tentar-se tudo.

— Ela está quasi morta...

— Está viva.

Na Récluse, o vigario prendeu-me para jantar, de sorte que não pude voltar às 9 horas da noite. Dei uma volta para passar pelo moinho. O caso era serio bastante para que eu me incomodasse duas vezes no mesmo dia e demais um presentimento vago apertava-me o coração. Desconfiava sem saber ao certo porque.

Na escuridão, o moinho apareceu iluminado «Tantas luzes! cogitei. Não podem ser senão as velas que se colocam junto dos defuntos. Está tudo acabado . . .»

Amarro o meu cavalo. Entro: não me havia enganado. Mélanie morta já estava deitada no caixão novo, cercada pelas velas que eu avistara de longe. Christophe estava de pé; havia feito sósinho a toilete funebre. Pareceu-me embaraçado, não contava comigo. O caixão não estava fechado;

— Então, disse-lhe eu, ela morreu?

— Sim, morreu.

Christophe não gosta de tagarelar. não diz palavras inuteis. E socegadamente coloca a tampa. Eu detenho-o no momento em que ele aplicava a chave de parafusos.

— Não tenha tanta pressa assim. Quero vel-a..

— Não vale a pena pois que está morta.

— Quero assim mesmo. -Ela está toda enegreecida.

— Tira a tampa e anda com isto.

Ele pede desculpa e examino Mélanie. Ela poderia dansar no seu caixão se os mortos o fizessem. Aproximo um espelho; não empana. Aparpo o braço, não tem pulso. Escuto o coração, não palpita. Entretanto o corpo ainda não estava frio. Perguntei:

— A que horas ela faleceu? Parece ter muita pressa em esconde-la.

— E' variola e da pior.

Sento-me, acendo o meu cachimbo, medito, e depois, levantando-me, tomo uma decisão:

— Ajuda-me a colocal-a na cama.

Estupidamente, ele repete:

— Na cama?

E recusa. Zango-me, ameaço e, finalmente, ele obedece. Tomamol-a, ele pelos braços, eu pelos pés e carregamol-a para o colchão.

Viro-a, reviro-a, e acabo dizendo em conclusão:

Esta mulher não está morta.

— Ora esta!

Vais velal-a a noite toda. Amanhã, de madrugada, voltarei. E quero achal-a no mesmo logar, ouviste? Não dentro disto, mas lá bem aquecida, debaixo dos cobertores.

Saí, e antes de montar no meu animal, bato à porta de uma vizinha a quem peço de passar a noite no moinho.

— Christophe tem mau olhado, respondeu-me ela.

Foi preciso bater a outra porta, de gente mais compassiva e despachar as duas que resmungavam.

Chego em minha casa no meio da noite, e conto o caso á minha mulher com as duvidas e suspeitas. Pensam acaso que ela me felicitou?

— Para que te incomodares com o que não è da tua conta? Não te pagam um vintem pela amofinação e trazes para casa esta doença imunda.

Foi só o que ganhei. Mas interessava-me por Mélanie Chantepoulet.

No dia seguinte, à primeira claridade, selo o meu cavalo e volto ao moinho. De longe assim que ele me avistou, Christophe que espreitava a estrada, agita o seu chapéu. Julguei que fosse um signal de alegria e, aproximando-me gritei:

— Então, ela mexeu?

— Nada absolutamente, está bem morta.

— Da aveia ao meu cavalo, vou ver.

Aa duas vizinhas haviam-se eclipsado, receiando o contagio ou com medo do moleiro, e encontrei a moça na mesma posição da vespera, á noite, imovel, prostada, talvez mesmo morta. Esse estado não podia durar. Empreguei grandes meios e faço uma sangria no braço. Um estremecimento abalo-a toda, ela mexe, está viva. Eu tinha razão.

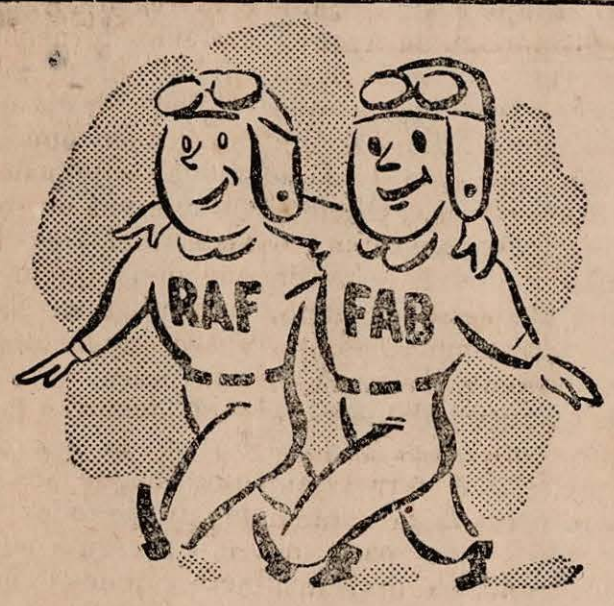
Christophe, de pé atraz de mim, não dizia palavra. Levanto os olhos, fixando-o. Já vi muitas expressões de rostos junto dos doentes mas não esquecerei esta. Na verdade o homem estava aterrado.

Mélanie Chantepoulet restabeleceu-se. Casou-se, tem um mundo de filhos.

***

— E o irmão? perguntamos.

— Christophe, esperem lá. E' o ponto mais interessante da minha historia. Um ano ou dois depois desta resurreição, morreu de um acidente. A roda do moinho esmagou-o. E o caixão que se havia metido no sotão, recebeu os seus despojos.



UNIDOS

pelo mesmo ideal

VITORIA! - Faça sua inscrição imediatamente e ajude a acabar com a tirania

Informações com MANOEL LOES DO LIVRAMENTO DOCA, Rua 13 de Maio, 323 — Agudos.

Diario de S. Paulo

O SEU JORNAL

Diretor: — CARLOS RIZZINI

NOTICIARIO VARIADO.

Politica, Religião, Esporte, Vida Social, Comercio, etc..

Colaborações interessantes.

Agente: — Prof. JOSE' SANT'ANNA

Rua 7 de Setembro — AGUDOS

DIARIAMENTE

A'S 18 HORAS

MERCADO DO DIA

O Movimento Das Bolsas Irradiado

Para o Interior

Algodão, Café, Cereais, Titulos, Credito Rural, etc. etc.

PRE 7

RADIO COSMOS

1410 Quilociclos

Oficina São Luiz

Serraria e Carpintaria

Taboas e Vigotas - Caibros - Sarrafos para cercas - Ripas etc. — A preços especiaes

Fabricação de Rastelos para café — Bochas — Canzis de cabreuva para coalheiras de palha.

Cadeiras « Palha do brejo » — a preços vantajosos.

Cadeiras «Simplex» com assento de madeira

Avenida Sebatiana Leite 240 AGUDOS

Gazeta de Agudos

ANO XVI | AGUDOS (EST. DE S. PAULO), 11 DE JULHO DE 1943 | NUM. 633

Secretaria da Agricultura

CIRCULAR N.o 10

A Grande Praga

O algodão, o café, a laranja, a mandioca, o fumo, o amendoim, a videira e quasi todas as demais especies vegetais, no decurso de seu desenvolvimento, sofrem em maior ou menor escala os ataques de uma ou mais pragas nocivas. O lavrador quando se dispõe a cultivar um determinado vegetal sabe de antemão que deverá lutar contra tais calamidades e procurará executar um bom programa preventivo destinado a amparar as suas plantações contra esses inimigos: insetos, fungos, larvas etc.

As pragas, algumas vezes infestam varias especies da mesma familia e outras vezes atacam indiferentemente varias familias, como é o caso da molestia chamada «pipoca da batata»; esta doença é ocasionada por um nematoide, o qual age identicamente sobre o quiabeiro, tomateiro, etc., ocasionando graves prejuisos.

Não obstante, cada vegetal possue a sua praga mais ou menos tipica, de maneira que a lembrança de um, ocorre sempre o nome do outro.

Assim, quando se fala em «curuquerê», lembra se logo do algodão; o «mal do Panamá» liga-se ás bananeiras: «antrocnóse» e videira estão consociadas; «mosaico» e cana de assucar formam uma dupla muito conhecida; «gomose» e laranjeira costumam andar juntos, e assim sucessivamente. Disso se depreende que todas as plantas em geral possuem o seu hospede pernicioso que constitue uma praga, tipica. Uma mesma praga como dissemos, pode atacar duas, três ou mais especies vegetais, mais sempre encontrará uma planta mais resistente e nesse caso seu ataque será nulo, isto é, sem efeito.

Existe porem uma praga, a maior de todas, a mais nefasta e terrivel, que ataca indistintamente todos os vegetais, sem respeitar a familia do genero ou especie; basta que, haja condições favoraveis ao seu aparecimento, ei—la ao agir sem dó nem piedade a avassalando irresistivelmente, o plantio, seja lá do que for produzindo vultosos danos, muitas vezes de carater, irreparaveis. Ela costuma surgir devagar, sorrateiramente e em pouco anos toma conta de toda a cultura e de todas as culturas visinhas.

Emquanto que as outras pragas costumam atingir diretamente o vegetal, seja na raiz no caule, nas folhas ou nos frutos, esta outra age traiçoeiramente; jamais ela aparece *diretamente sobre o* vegetal. e sim, sobre o meio em que ele habita, isto é, sobre o proprio sólo. Todos o vegetais comuns vivem no sólo e quando este é destruido aqueles não podem sobreviver: falecem como naceram, sem a minima esperança de salvação.

O flagelo aparece, mais comumente, durante um certo periodo do ano; a intensidade de seus efeitos depende da existência de terrenos declivósos e da presença das chuvas. O'ra, todas as fazendas do Estado de São Paulo possuem as suas glebas inclinadas e as chuvas não falham no periodo de Setembro a Fevereiro; lógo, essa praga possue ambiente para se manifestar em nosso Estado ao menos durantes seis meses por ano. Quando as chuvas são violentas os seus efeitos tornam se assustadores e não fogem aos olhos do mais *incauto lavrador*.

E' verdade que alguns solos são mais resistentes á sua ação nefasta; todavia mesmo aqueles mais resistentes são atacados afinal, e nesse caso adeus culturas, adeus colheitas, adeus lucros. Tudo se transforma como por encanto Onde havia fertilidade ha agora esterilidade; a cultura, antes exuberante, perdeu o viço e apresenta um apecto constritador; as plantas definham á olhos vistos e aquelas que conseguem vingar apresentam uma produção infima e desanimadora. Enfim, tudo é ruina, desordem, confusão, tristesa e desespero. Tudo fica reduzido a zero, para desdita do lavrador e desgraça de seus trabalhadores. E a todos, sem exeção, restará a unica alternativa de mudar de sitio em busca de terras melhores e mais compensadoras. E o lavrador, *volvendo os olhos para* o passado, ha de lembrar-se, com saudades das terras ferteis e humosas que outrora produziam com abundancia para o seu sustento e para o sustento de todos.

E sabem como se chama essa praga? EROSÃO DO SOLO.

Palestra Educativa N.o 1 (Secção de combate á Erosão Irrigação e Drenagem)

AGUDOS

EDITAL

De praça, com o prazo de 30 dias.

O Dr José Teixeira Pombo, Juiz de Direito desta cidade e comarca de Agudos, Estado de São Paulo, etc.

FAZ SABER a todos quantos o presente edital de praça virem, ou dele conhecimento tiverem e interessar possa que, no dia doze *(12)* de JULHO, amanhã, ás treze (13) horas, no Forum, a Praça Tiradentes, desta cidade de Agudos, o oficial de Justiça que estiver de semana, levará a público pregão de venda e arrematação, em praça, a quem mais der e maior iance oferecer acima da avaliação que é de quinze mil e oitocentos cruzeiros *(cr.* $ 15.800,00), os bens abaixo descritos, penhorados a d Joventina Maria dos Santos e outros sucessores a titulo universal dos finados Leodino, ou Leobino Joaquim de Araujo e s|m. d. Rachel Santiaga de Araujo, nos autos da ação Executiva Hipotecaria que lhes móve Afonso Zanini e s|m., por este Juizo e cartorio do 1.o Oficio a saber: 41 (quarenta e um) alqueires de terras de cultura e serrado, sendo, 25 (vinte e cinco) alqueires de mata de serrado, 14 (quatorze) alqueires de terras cultivadas, 2 (dois) alqueires de terras em pasto cercado de arame farpado: Uma casa de taboa, coberta de telhas e assoalhada, com quatro comodos, em bom estado; OUTRA casa de taboa, coberta de telhas, com tres comodos, e de chão, em regular estado; uma casa de páu a pique, barreada, coberta de telhas, com quatro comodos, em regular estado, dividindo ditos terrenos: pela cabeceira, com Joaquim Bernardino da Luz; ao fundo, com Antonio Fermiano; á esquerda, com João Tavares e a direita, com João Izaias. Os bens acima são situados no lugar denominado "Agua da Lébre", no distrito de Dona Amelia deste Municipio e Comarca de Agudos, e foram havidos por força da transcrição n. 14.555, do Registro de Imoveis desta comarca de Agudos. De certidão fornecida pelo Oficial do Registro de Imoveis desta comarca, verifica-se que sobre o imovel objèto désta praça nenhum outro onus existe, alem da hipoteca que deu origem á ação a cima aludida. Caso não apareçam licitantes para ésta praça, dito imovel será levado a leilão, na forma da lei. E, para que chegue ao conhecimento de todos, expediu se o presente edital que será publicado pela Imprensa e afixada no lugar do costume, de acordo com a lei. DADO e passado no cartorio do 1.o Oficio desta comarca de Agudos, — ao déz (10) de Maio de mil novecentos e quarenta e tres (1943). Eu, Antonio D'a Riva, Escrevente habilitado o datilografei. E eu Alcides da Rocha Torres, Escrivão, conferi e subscrevi.

O Juiz de Direito,
(a) José Teixeira Pombo.

Nada mais. Legalmente selado. Conferido. O Escr., A. ROCHA.

Adubos químico-orgânicos
POLYSÚ e JÚPITER
(para todas as culturas)
Fertilizantes simples em geral
Arseniatos "Júpiter"
de alumínio e de chumbo
(exterminadores do curuquerê)
Formicida "Júpiter"
Bi-Sulfureto de Carbono "Júpiter"
(para o expurgo)
Hervicida "Plutão"
(destruidor de vegetação)
Pó Bordalês Alfa "Júpiter"
(substituto da calda bordalêsa)
Sulfato de Cobre "Nevazul"
(cristais miúdos)
Verde Paris
Carrapaticida "Júpiter"
Queirozina
(Poderoso desinfetante)
ETC.

SONHA!...

No teu leito de virgem emplumado e macio,
Anjos passam revoando harmonioso cicio . . .
Sonha! . . .

Porque sonhando a vida é limpida e suave
Como no espaço azul o vôo brando da ave!
Sonha! . . .

Tudo que te rodea é puro como o arminho!
Desfolhado rosal tapisa teu caminho!
Sonha ! . . .

Tua alma è um lago azul em cujas aguas dança
— Leve e tenue — uma véla, a vela da esperança!
Sonha! . . .

Ai ! não acordes mais! Acordar é viver,
E viver é sentir, è lutar, é viver!
Dorme . . .
Sonha! . . .
E não acordes mais!

José Julio de Carvalho

PROCLAMA

FAÇO saber que pretendem se casar: Lazaro Tomáz e D. Encarnação Cabrera Galindo, solteiros, residentes nesta cidade. Ele com 23 anos de idade, natural de Jacutinga, Estado de Minas Gerais, lavrador, filho legitimo de José Manuel Tomáz, residente nesta cidade e de D. Joaquina Maria da Conceição, já falecida. Ela com 17 anos, de idade, de prendas domesticas, natural de Fuente Vaquero, Provincia de Granada, Espanha, filha legitima de Francisco Cabrera Martins já falecido e de Joséfa Galindo de la Rosa, residente nesta cidade. Exibiram os documentos da lei. Se alguem souber de algum impedimento acuse o nos termos da lei, para fins de direito.

Agudos, 5 de Julho de 1943
O Oficial
Alcides de Quadros.

ASSINATURAS

ANO — $20,00
SEMESTRE $12,00

Num. avulso - $0,40
Num. atras. - $0,50

Gazeta de Agudos

PUBLICAÇÕES

Seção Livre
Palavra — $0,20

Editaes
Palavra - $0,20

SEMANARIO INDEPENDENTE

Diretor-Proprietario - HERCULES SORMANI

Colaboradores - DIVERSOS

ANO XVI | Redação e Officinas Rua 13 de Maio, 545 | Agudos, 11 de Julho de 1943 | Estado de S. Paulo BRASIL | NUM. 633

Prefeitura Municipal de Agudos

Em data de 8 do corrente, recebeu o Snr. Prefeito Municipal, o seguinte telegrama:

Prefeito Municipal
Agudos

Achando-se o Governo empenhado em colocar no interior do Estado suditos Alemães, Italianos e Japonês que residem no litoral, comunicovos que deverão ser brevemente encaminhadas para esse esse municipio varias familias dos referidos estrangeiros. Deveis tomar as mais rapidas providencias junto aos agricultores afim de que empreguem mencionadas familias em suas propriedades. Caso encontrardes dificuldades no desempenho dessa incumbencia, deveis comunicar a esta Interventuria, afim de serem tomadas necessarias providencias.

Saudações

(a) Fernando Costa == Interventor Federal.

Prefeitura Municipal de Agudos

A'TO N.o 11

O Padre João Baptista de Aquino, Prefeito Municipal de Agudos, Estado de São Paulo, etc.

Usando das atribuições que lhe são conferidas pelo artigo 5.o do decreto lei federal n.o 1-202, de 8 de Abril de 1939,

RESOLVE:

Exonerar a pedido, o Snr. Dr. Jayr Castanheira de Carvalho, do cargo de Sub-Prefeito do distrito de Paz de Bandeirantes, deste municipio. Registre-se. Publique-se e Cumpra-se. Dado e passado na secretaria da Prefeitura Municipal de Agudos, aos nove dias do mez de Julho de mil e novecentos e quarenta e treis. Eu, Mario Ferreira Andrade Secretario da Prefeitura, o datilografei.

O Prefeito Municipal,
Padre João Baptista de Aquino.

Impressos? - Nesta Typ.

Secretaria da Agricultura

Derrubada de matas

Por determinação do Conselho Florestal do Estado de São Paulo, em oficio n.o 115 de 11 de junho p. passado, dirigido ao Snr. Superintendente do Departamento da Produção Vegetal, da Secretaria da Agricultura, neste Estado, e de acordo com a circular n.o 41 da Secção de Regiões Agricolas, levo conhecimento de todos os interessados, que os pedidos de autorisação para derrubadas de matas, devem ser dirigidos diretamente aquele Conselho em requirimento selado, Cr. $ 3,00 e Educação, com firma reconhecida, devendo o requerente juntar prova de propriedade das terras onde se encontram as matas.

Para mais esclarecimentos, os interessados poderão entender se com o agronomo regional, á Rua 13 de Maio n.o 198, nesta cidade.

Agudos, 5 de Julho de 1943.

Daniel Schlittler

Prefeitura Municipal de Agudos

Do Dr. Jayr Castanheira de Carvalho, Sub Prefeito do Distrito de Bandeirantes, recebeu o Snr. Prefeito Municipal, a seguinte carta:

Prezado Amigo Padre Aquino

Saudações

Já tendo serviço durante cinco anos, a Sub Prefeitura de Bandeirantes, creio já ter auxiliado por longo tempo, tanto Agudos como nosso Distrito. Como o Senhor bem sabe, tenho ocupações bastante e me acho impossibilitado de continuar como Sub-Prefeito local. Espero, portanto, que o amigo faça nova nomeação para o cargo que hoje peço demissão em carater irrevogavel. Entretanto continuarei aqui, trabalhando para o progresso de Bandeirantes e tambem de Agudos. Transmito tambem a Va. Sa. meus sinceros agradecimentos pela distinção e confiança que me dedicou durante meu exercicio.

Sem outro motivo minhas sinceras recomendações.

Do Amigo grato
(a) Jayr Castanheirra de Carvalho.

GRUPO ESCOLAR DE AGUDOS

CAIXA ESCOLAR

Balanço do mes de Junho de 1942.

Saldo que veio do mes de maio	Cr.	$	643,80
Contribuição de alunos (13 classes)	Cr.	$	207.30
Contribuição de socios	Cr.	$	50,00
Contribuição de professores	Cr.	$	6,00
Total	Cr.	$	907,10

Despeza do mes (Não houve)

Saldo que passa para o mes de Julho Cr. $ 907,10

Agudos, 30 de Junho de 1943

Djalma Octaviano, diretor

Olga Offmann — Tesoureira
x
Iracema Fernandes Brisola — Presidente

Visto. Baurú, 3 de Julho de 1943

Luiz de Almeida Castanho, Inspetor escolar

PREFEITURA MUNICIPAL DE AGUDOS

Boletim financeiro da semana finda

Saldo existente em 3 de julho . . .	133 946,40
Arrecadação de impostos e taxas do dia 5 a 10 de julho	5.717,90
	139.664,30
Pagamentos efetuados durante a semana finda	2.804,40
Saldo que passa para a semana vindoura.	136.859,90

A Campanha da Borracha no Grupo Escolar de Agudos

De acordo com o que determinou o sr. Dr. Diretor Geral do Departamento de Educação, iniciou no dia 1.º do corrente no Grupo Escolar de Agudos, a "Campanha da Borracha".

"O menor objeto coletado, o mais insignificante artefato gasto que se leva ao reaproveitamento tem acentuado valor civico".

E' isto que os pequenos escolares que frequentam o Grupo Escolar de Agudos estão fazendo.

Diariamente, depozitam, num lugar escolhido no páteo do recreio, inumeros pedaços de borracha, como sejam: peneumaticos velhos, bolas, sola de sapatos e de tenis, chupetas, etc.

E' uma contribuição modesta, mais sincera que os meninos agudenses estão fazendo para a vitoria do Brasil e seus aliados contra os inimigos da liberdade e da civilização.

A borracha arrecadada será remetida para S. Paulo, conforme determinou o Departamento de Educação.

Prefeitura Municipal de Agudos

Estrada de rodagem à Bandeirantes

Deante das continuas demarches de nosso Prefeito junto á Secrtaria da Viação, chegou a esta cidade o Snr. Engenheiro residente em Botucatú para reiniciar muito em breve as obras da estrada desta á Bandeirantes.

Em virtude do mau estado em que se acha o trecho até a Fazenda Gloria, aquela repartição já ordenou a fazer a devida reparação, comprometendo-se á localizar diversos conservas para que o aludido trecho por onde se canalisa o transporte de algodão, cereais e doravante casulos do bicho da seda de toda aquela prospera zona, se torne transitavel, sem onus para a Prefeitura, em se tratando de uma via estadual.

Agudos, com a realização desta obra, já iniciada, muito lucrará, tornando-se um centro muito importante do ouro branco e muito breve da seda animal.

Prefeitura Municipal de Agudos

A'TO N.o 12.

O Padre João Baptista de Aquino, Prefeito Municipal de Agudos, Estado de São Paulo, etc.

Usando das atribuições que lhe são conferidas pelo artigo 5.o do decreto lei federal n.o 1.202, de 8 de Abril de 1939,

RESOLVE:

Nomear o Snr. Josè Bertoldi, para o cargo de Sub Prefeito do distrito de Paz de Bandeirantes, deste municipio. Registre-se. Publique-se e Cumpra-se. Dado e passado na secretaria da Prefeitura Municipal de Agudos, aos nove dias do mez de Julho de mil novecentos e quarenta e treis. Eu, Mario Ferreira Andrade Secretario da Prefeitura o datilografei.

O Prefeito Municipal,
Padre João Baptista de Aquino.

Manoel Dóca

Regressou de sua viagem ao Rio de Janeiro, o snr. Manoel Lopes do Livramento Dóca, nosso antigo colega de imprensa e fazendeiro neste municipio,

FALECIMENTO

Faleceu no dia 5 do corrente, em São Paulo, com a idade de 26 anos, a exma. sra. d. Diva Tecla Murdoco, esposa do sr. Julio Murdoco e irmã da exma. sra. d. Ada S. Novaes, esposa do sr. L. R. Novaes, operoso gerente da «COINBRA» S. A., nesta cidade.

A pranteada extinta que gozava de um vasto circulo de boas amizades deixa um filho menor.

Nossos pezames

O MOINHO

Conto de Henry Bordeaux

— Assim como me vêem dizia-nos com emphase o dr. Gedeon Champouniére, no vestiario dos advogados, esperando a sua vez de ser chamado ao tribunal para prestar um juramento de profissional e viamos um colosso muito vermelho que, nesta época de aguas minerais e de chá de marcela, de sopas de lentilhas e de massas alimenticias, desafiava as fatias de carne sangrenta e copasios de bom Borgonha — assim como me veem, resusitei um morto.

Ele parecia bem capaz de tal, a vida saia-lhe por todos os poros. Entretanto, Mr. Rameau fez-lhe observar que não era esse o habito dos medicos mais inclinados a enterrar a gente que a retiral-a do outro mundo. Ele fazia mais questão do que nós da sua historia e nol-a impingiu sem demora. E o melhor é deixal-o narrar o facto.

***

— Eu estava em pleno entúsiasmo, ia dizer em plena inexperiencia de minha profissão. Na visinhança da Récluse, numa povoação da serra, eu havia tratado da irmã do moleiro de uma pequena doença qualquer. Chamava-se Melanie Chantepoulet e morava com seu irmão mais velho Christophe Chantepoulet, homem carrancudo e calado, furioso com o sucesso do seu rival Tarboton, alcunhado Farinha; ao passo que ela. robusta rapariga de 25 anos, boa dona de casa e habil costureira, ria e tagarelava o dia inteiro.

Quando eu passava pelo moinho nunca deixava de parar para conversar um pouco com ela. O moinho, herança de familia, pertencia-lhes em partes iguais. Contava-se na redondeza que ele cubiçava a posse de toda a propriedade, que ele tentára tudo para a irmã entrar no convento de onde ela escapulira, finalmente, que fazia a côrte á filha do adjunto Tracassin e não obteria a sua mão senão com a promessa de instalal a só no governo da sua casa. Mas fala-se tanta cousa!

Ora, Mélanie caiu doente de variola pele de lixa. Uma tarde, quando eu passava a cavalo, vejo o meu Christophe aplainando umas taboas diante de casa. Tinha uma cara de enterro, mas tal era o seu aspecto habitual.

— Como vae a pequena?

— Mal.

— E que estàs fazendo?

— O senhor bem vê.

Estando parado o moinho, ele ocupava-se em fazer um caixão. Subi ao quarto. Mélanie não se mexia. Deitada de costas respirava arquejando aos folegozinhos curtos. A cousa podia findar de um momento para outro, podia durar ou não durar, sabe-se lá?

Apalpo, ausculto, observo. No pescoço, dei com umas marcas, quatro de de um lado, uma do outro. como se dedos houvessem apertado. Mas como o corpo estava coberto de pustulas, não demorei na observação desses sinais pouco acentuados. Faço uma receita e mostro-a em baixo ao irmão que continuava socegadamente a preparar as suas taboas.

—Aqui está a receita. Eu tenho que passar pela Récluse e dou o papel ao boticario.

— Valerá a pena?

Ainda Uma Vez, Adeus!

Emfim te vejo! — emfim posso,
Curvado a teus pès, dizer-te
Que não cessei de querer-te,
Pezar de quanto sofri.
Muito penei! Cruas ancias,
De teus olhos afastado,
Houveram-me acabrunhado
A não lembrar-me de ti!

De um mundo a outro impelido
Derramei os meus lamentos
Nas surdas azas dos ventos,
Do mar na crespa cerviz!
Baldão, ludibrio da sorte,
Em terra extranha, entre gente
Que alheios males não sente,
Nem se condóe do infeliz!

Louco, aflito, a saciar-me
De agravar minha ferida,
Tomou-me tedio da vida,
Passos da morte senti;
Mas quasi no passo extremo,
No ultimo arcar da esperança,
Tu me vieste á lembrança,
Quiz viver mais e vivi!

Vivi, pois Deus me guardava
Para este lugar e hora!
Depois de tanto, senhora!
Vêr-te e falar-te outra vez,
Rever-me em teu rosto amigo,
Pensar em quanto hei sofrido
E este pranto dolorido
Deixar correr a teus pés.

Mas que tens? Não me conheces?
De mim afastas teu rosto?
Pois tanto poude o desgosto
Transformar o rosto meu?
Sei a afflição quando póde,
Sei quanto ela desfigura,
E eu não vivi na ventura...
Olha-me bem, quem sou eu!

Nem uma voz me diriges!
Julgas-te acaso ofendida?
Deste me amor, e a vida
Que m'a darias, bem sei;
Mas lembrem-te aqueles feros
Corações que se meteram
Entre nòs; e si venceram,
Mal sabes quanto lutei!

Oh! si lutei! Mas devera
Expor-te em publica praça
Como um alvo á populaça,
Um alvo aos dicterios seus!
Devera, podia acaso
Tal sacrificio aceitar-te,
Para no cabo pagar-te
Meus dias unindo aos teus?

Devera, sim; mas pensava
Que de mim te esquecerias,
Que, sem mim, alegres dias
Te esperavam; e em favor
De minhas preces, contava
Que o bom Deus me aceitaria
O meu quinhão de alegria
Pelo teu quinhão de dôr!

Que me enganei, ora vejo;
Nadam-te os olhos em pranto,
Arfa-te o peito, e no entanto
Nem me podes encarar;
Erro foi, mas não foi crime;
Não te esqueci, eu t'o juro,
Sacrifiquei meu futuro,
Vida e gloria por te amar!

Tudo, tudo; e na miseria
De um martirio prolongado,
Lento, cruel, disfarçado
Que eu nem a ti confiei:
«Ela é feliz (me dizia)
Seu destino é obra minha.»
Negou m'o a sorte mesquinha...
Perdôa, que me enganei!

Tantos encantos me tinham,
Tanta ilusão me afagava
De noite, quando acordava,
De dia em sonhos talvez!
Tudo isso agora onde para?
Onde a ilusão dos meus sonhos
Tantos projetos risonhos,
Tudo esse engano desfez!

Enganei-me! — Horrendo cháos
Nessas palavras se encerra,
Quando do engano, quem erra,
Não póde voltar atraz!
Amarga irrisão! Reflete:
Quando eu gosar-te pudera,
Martir quiz ser, cuidei qu'era...
E um louco fui, nada mais!

Louco, julguei adornar-me
Com palmas de alta virtude!
Que tinha eu, bronco e rude,
Com o que se chama ideal?
O meu eras tu, não outro:
'Stava em deixar minha vida
Correr por ti conduzida
Pura, na ausencia do mal

Pensar eu que o teu destino
Ligado ao meu, outro fôra
Pensar que te vejo agora,
Por culpa minha, infeliz;
Pensar que a tua ventura
Deus ab eterno a fizera
No meu caminho a puzera...
E eu... fui eu que a não quiz!

És de outro agora e p'ra sempre!
Eu a misero desterro
Volto, chorando o meu erro
Quasi descrendo dos céos!
Dóe—te de mim, pois me encontras
Em tanta miseria posto,
Que a expressão deste desgosto
Será um crime ante Deus!

Dóe—te de mim, que te imploro
Perdão, a teus pés curvado;
Perdão de não ter ousado
Viver contente e feliz!
Perdão da minha miseria,
Da dôr que me raia o peito.
E, si do mal que te hei feito,
Tambem do mal que me fiz!

Adeus, que eu parto, senhora;
Negou-me o fado inimigo
Passar a vida comtigo,
Ter sepultura entre os meus;
Negou-me nesta hora extrema
Por extrema despedida,
Ouvir-se a voz comovida,
Soluçar um breve adeus!

Lerás, porém, algum dia
Meus versos, da alma arrancados,
De amargo pranto banhados,
Com sangue escriptos; e então,
Confio que te comovas,
Que a minha dôr te apiade,
Que chores, não de saudade,
Nem de amor: — de compaixão!

GONÇAVES DIAS

—Em quanto ha vida é preciso tentar-se tudo.

— Ela está quasi morta...

— Está viva.

Na Récluse, o vigario prendeu-me para jantar, de sorte que não pude voltar às 9 horas da noite. Dei uma volta para passar pelo moinho. O caso era serio bastante para que eu me incomodasse duas vezes no mesmo dia e demais um presentimento vago apertava-me o coração. Desconfiava sem saber ao certo porque.

Na escuridão, o moinho apareceu iluminado «Tantas luzes! cogitei. Não podem ser senão as velas que se colocam junto dos defuntos. Está tudo acabado . . .»

Amarro o meu cavalo. Entro: não me havia enganado. Mélanie morta já estava deitada no caixão novo, cercada pelas velas que eu avistara de longe.

Christophe estava de pé; havia feito sósinho a toilete funebre. Pareceu-me embaraçado, não contava comigo. O caixão não estava fechado;

— Então, disse-lhe eu, ela morreu?

— Sim, morreu.

Christophe não gosta de tagarelar. não diz palavras inuteis. E socegadamente coloca a tampa. Eu detenho-o no momento em que ele aplicava a chave de parafusos.

— Não tenha tanta pressa assim. Quero vel-a..

— Não vale a pena pois que está morta.

— Quero assim mesmo.

-Ela está toda enegrecida.

— Tira a tampa e anda com isto.

Ele pede desculpa e examino Mélanie. Ela poderia dansar no seu caixão se os mortos o fizessem. Aproximo um espelho; não empana. Aparpo o braço, não tem pulso. Escuto o coração, não palpita. Entretanto o corpo ainda não estava frio. Perguntei:

— A que horas ela faleceu? Parece ter muita pressa em escondel-a.

— E' variola e da pior.

Sento-me, acendo o meu cachimbo, medito, e depois, levantando-me, tomo uma decisão:

— Ajuda-me a colocal-a na cama.

Estupidamente, ele repete:

— Na cama?

E recusa. Zango-me, ameaço e, finalmente, ele obedece. Tomamol-a, ele pelos braços, eu pelos pés e carregamol-a para o colchão.

Viro-a, reviro-a, e acabo dizendo em conclusão:

Esta mulher não está morta.

— Ora esta!

Vais velal-a a noite toda. Amanhã, de madrugada, voltarei. E quero achal-a no mesmo logar, ouviste? Não dentro disto, mas lá bem aquecida, debaixo dos cobertores.

Saí, e antes de montar no meu animal, bato à porta de uma vizinha a quem peço de passar a noite no moinho.

— Christophe tem mau olhado, respondeu-me ela.

Foi preciso bater a outra porta, de gente mais compassiva e despachar as duas que resmungavam.

Chego em minha casa no meio da noite, e conto o caso á minha mulher com as duvidas e suspeitas. Pensam acaso que ela me felicitou?

— Para que te incomodares com o que não è da tua conta? Não te pagam um vintem pela amofinação e trazes para casa esta doença imunda.

Foi só o que ganhei. Mas interessava-me por Mélanie Chantepoulet.

No dia seguinte, à primeira claridade, selo o meu cavalo e volto ao moinho. De longe assim que ele me avistou, Christophe que espreitava a estrada, agita o seu chapéu. Julguei que fosse um signal de alegria e, aproximando-me gritei:

— Então, ela mexeu?

— Nada absolutamente, está bem morta.

— Da aveia ao meu cavalo, vou ver.

Aa duas vizinhas haviam-se eclipsado, receiando o contagio ou com medo do moleiro, e encontrei a moça na mesma posição da vespera, á noite, imovel, prostada, talvez mesmo morta. Esse estado não podia durar. Empreço grandes meios e faço uma sangria no braço. Um estremecimento abalo-a toda, ela mexe, está viva. Eu tinha razão.

Christophe, de pé atraz de mim, não dizia palavra. Levanto os olhos, fixando-o. Já vi muitas expressões de rostos junto dos doentes mas não esquecerei esta. Na verdade o homem estava aterrado.

Mélanie Chantepoulet restabeleceu-se. Casou-se, tem um mundo de filhos.

***

— E o irmão? perguntamos.

— Christophe, esperem lá. E' o ponto mais interessante da minha historia. Um ano ou dois depois desta resurreição, morreu de um acidente. A roda do moinho esmagou-o. E o caixão que se havia metido no sotão, recebeu os seus despojos.

UNIDOS
pelo mesmo ideal

VITORIA! - Faça sua inscrição imediatamente e ajude a acabar com a tirania

Informações com MANOEL LOES DO LIVRAMENTO DOCA, Rua 13 de Maio, 323 — Agudos.

Diario de S. Paulo

O SEU JORNAL

Diretor: — CARLOS RIZZINI

NOTICIARIO VARIADO.

Politica, Religião, Esporte, Vida Social, Comercio, etc..

Colaborações interessantes.

Agente: — Prof. JOSE' SANT'ANNA

Rua 7 de Setembro — AGUDOS

DIARIAMENTE

A'S 18 HORAS

MERCADO DO DIA

O Movimento Das Bolsas Irradiado

Para o Interior

Algodão, Café, Cereais, Titulos, Credito Rural, etc. etc.

P R E 7

RADIO COSMOS

1410 Quilociclos

Oficina São Luiz

Serraria e Carpintaria

Taboas e Vigotas - Caibros - Sarrafos para cercas - Ripas etc. — A preços especiaes

Fabricação de Rastelos para café — Bochas — Canzis de cabreuva para coalheiras de palha.

Cadeiras « Palha do brejo » — a preços vantajosos.

Cadeiras «Simplex» com assento de madeira

Avenida Sebatiana Leite 240 -:- AGUDOS

Gazeta de Agudos

ANO XVI | AGUDOS (EST. DE S. PAULO), 11 DE JULHO DE 1943 | NUM. 633

Secretaria da Agricultura

CIRCULAR N.o 10

A Grande Praga

O algodão, o café, a laranja, a mandioca, o fumo, o amendoim, a videira e quasi todas as demais especies vegetsis, no decurso de seu desenvolvimento, sofrem em maior ou menor escala os ataques de uma ou mais pragas nocivas. O lavrador quando se dispõe a cultivar um determinado vegetal sabe de antemão que deverá lutar contra tais calamidades e procurará executar um bom programa preventivo destinado a amparar as suas plantoções contra esses inimigos: insetos, fungos, larvas etc.

As pragas, algumas vezes infestam varias especies da mesma familia e outras vezes atacam indiferentemente varias familias, como é o caso da molestia chamada «pipoca da batata»; esta doença é ocasionada por um nematoide, o qual age identicamente sobre o quiabeiro, tomateiro, etc., ocasionando graves prejuisos.

Não obstante, cada vegetal possue a sua praga mais ou menos tipica, de maneira que a lembrança de um, ocorre sempre o nome do outro.

Assim, quando se fala em «curuquerê», lembra-se logo do algodão; o «mal do Panamá» liga-se ás bananeiras: «antrocnóse» e videira estão consociadas; «*mosaico*» e cana de assucar formam uma dupla muito conhecida; «gomose» e laranjeira costumam andar juntos, e assim sucessivamente. Disso se depreende que todas as plantas em geral possuem o seu hospede pernicioso que constitue uma praga, tipica. Uma mesma praga como dissemos, pode atacar duas, três ou mais especies vegetais, mais sempre encontrará uma planta mais resistente e nesse caso seu ataque será nulo, isto é, sem efeito.

Existe porem uma praga, a maior de todas, a mais nefasta e terrivel, que ataca indistintamente todos os vegetais, sem respeitar a familia do genero ou especie; basta que, haja condições favoraveis ao seu aparecimento, ei—la ao agir sem dó nem piedade a avassalando irresistivelmente, o plantio, seja lá do que for produzindo vultosos danos, muitas vezes de carater, irreparaveis. Ela costuma surgir devagar, sorrateiramente e em pouco anos toma conta de toda a cultura e de todas as culturas visinhas.

Emquanto que as outras pragas costumam atingir diretamente o vegetal, seja na raiz no caule, nas folhas ou nos frutos, esta outra age traiçoeiramente; jamais ela aparece *diretamente sobre o vegetal*. e sim, sobre o meio em que ele habita, isto é, sobre o proprio sólo. Todos o vegetais comuns vivem no sólo e quando este é destruido aqueles não podem sobreviver: falecem como naceram, sem a *minima esperança* de salvação.

O flagelo aparece, mais comumente, durante um certo periodo do ano; a intensidade de seus efeitos depende da existência de terrenos declivósos e da presença das chuvas. O'ra, todas as fazendas do Estado de São Paulo possuem as suas glebas inclinadas e as chuvas não falham no periodo de Setembro a Fevereiro; lógo, essa praga possue ambiente para se manifestar em nosso Estado ao menos durantes seis meses por ano. Quando as chuvas são violentas os seus efeitos tornam-se assustadores e não fogem aos olhos do mais incauto lavrador.

E' verdade que alguns solos são mais resistentes á sua ação nefasta; todavia mesmo aqueles mais resistentes são atacados afinal, e nesse caso adeus culturas, adeus colheitas, adeus lucros. Tudo se transforma como por encanto Onde havia fertilidade ha agora esterilidade; a cultura, antes exuberante, perdeu o viço e apresenta um apecto constritador; as plantas definham á olhos vistos e aquelas que conseguem vingar apresentam uma produção infima e desanimadora. Enfim, tudo é ruina, desordem, confusão, tristesa e desespero. Tudo fica reduzido a zero, para desdita do lavrador e desgraça de seus trabalhadores. E a todos, sem exeção, restará a unica alternativa de mudar de sitio em busca de terras melhores e mais compensadoras. E o lavrador, volvendo os olhos para o passado, ha de lembrar-se, com saudades das terras ferteis e humosas que outrora produziam com abundancia para o seu sustento e para o sustento de todos.

E sabem como se chama essa praga? EROSÃO DO SOLO.

Palestra Educativa N.o 1
(Secção de combate á Erosão Irrigação e Drenagem)

AGUDOS

EDITAL

De praça, com o prazo de 30 dias.

O Dr. José Teixeira Pombo, Juiz de Direito desta cidade e comarca de Agudos, Estado de São Paulo, etc.

FAZ SABER a todos quantos o presente edital de praça virem, ou dele conhecimento tiverem e interessar possa que, no dia doze (12) de JULHO, amanhã, ás treze (13) horas, no Forum, a Praça Tiradentes, desta cidade de Agudos, o oficial de Justiça que estiver de semana, levará a público pregão de venda e arrematação, em praça, a quem mais der e maior lance oferecer acima da avaliação que é de quinze mil e oitocentos cruzeiros (cr. $ 15.800,00), os bens abaixo descritos, penhorados a d Joventina Maria dos Santos e outros sucessores a titulo universal dos finados Leodino, ou Leobino Joaquim de Araujo e s[m. d. Rachel Santiaga de Araujo, nos autos da ação Executiva Hipotecaria que lhes móve Afonso Zanini e s[m., por este Juizo e cartorio do 1.o Oficio a saber: 41 (quarenta e um) alqueires de terras de cultura e serrado, sendo, 25 (vinte e cinco) alqueires de mata de serrado, 14 (quatorze) alqueires de terras cultivadas, 2 (dois) alqueires de terras em pasto cercado de arame farpado: Uma casa de taboa. coberta de telhas e assoalhada, com quatro comodos, em bom estado; OUTRA casa de taboa, coberta de telhas, com tres comodos, e de chão, em regular estado; uma casa de páu a pique, barreada, coberta de telhas, com quatro comodos, em regular estado, dividindo ditos terrenos: pela cabeceira, com Joaquim Bernardino da Luz; ao fundo, com Antonio Fermiano; á esquerda, com João Tavares e a direita, com João Izaias. Os bens acima são situados no lugar denominado "Agua da Lébre", no distrito de Dona Amelia deste Municipio e Comarca de Agudos, e foram havidos por força da transcrição n. 14.555, do Registro de Imoveis desta comarca de Agudos. Decertidão fornecida pelo Oficial do Registro de Imoveis desta comarca, verifica-se que sobre o imovel objèto désta praça nenhum outro onus existe, alem da hipoteca que deu origem á ação a cima aludida. Caso não apareçam licitantes para ésta praça, dito imovel será levado a leilão, na forma da lei. E, para que chegue ao conhecimento de todos, expediu-se o presente edital que será publicado pela Imprensa e afixada no lugar do costume, de acordo com a lei. DADO e passado no cartorio do 1.o Oficio desta comarca de Agudos, — ao déz (10) de Maio de mil novecentos e quarenta e tres (1943). Eu, Antonio D'a Riva, Escrevente habilitado o datilografei. E eu Alcides da Rocha Torres, Escrivão, conferi e subscrevi.

O Juiz de Direito,
(a) José Teixeira Pombo.

Nada mais. Legalmente selado. Conferido. O Escr., A. ROCHA.

SONHA!...

No teu leito de virgem emplumado e macio,
Anjos passam revoando harmonioso cicio . . .
Sonha! . . .

Porque sonhando a vida é limpida e suave
Como no espaço azul o vôo brando da ave!
Sonha! . . .

Tudo que te rodea é puro como o arminho!
Desfolhado rosal tapisa teu caminho!
Sonha ! . . .

Tua alma è um lago azul em cujas aguas dança
— Leve e tenue — uma vêla, a vela da esperança!
Sonha! . . .

Ai ! não acordes mais! Acordar é viver,
E viver é sentir, è lutar, é viver!
Dorme . . .
Sonha! . . .
E não acordes mais!

José Julio de Carvalho

PROCLAMA

FAÇO saber que pretendem se casar: Lazaro Tomáz e D. Encarnação Cabrera Galindo, solteiros, residentes nesta cidade. Ele com 23 anos de idade, natural de Jacutinga, Estado de Minas Gerais, lavrador, filho legitimo de José Manuel Tomáz, residente nesta cidade e de D. Joaquina Maria da Conceição, já falecida. Ela com 17 anos, de idade, de prendas domesticas, natural de Fuente Vaquero, Provincia de Granada, Espanha, filha legitima de Francisco Cabrera Martins já falecido e de Joséfa Galindo de la Rosa, residente nesta cidade. Exibiram os documentos da lei. Se alguem souber de algum impedimento acuse-o nos termos da lei, para fins de direito.

Agudos, 5 de Julho de 1943
O Oficial
Alcides de Quadros.